

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal do Brasil*

Class.: 16

Data: 28.11.68

Pg.: 10/18

OS INDÍCIOS



O mateiro Alvaro reconhece os objetos encontrados na selva como pertencentes à expedição

SAR está em dúvidas quanto ao destino da missão Calleri

Alvaro Caldas e Ronald Theobald Enviados Especiais

Manaus — Concluída a primeira semana dos trabalhos de busca e salvamento da missão chefiada pelo padre Calleri, o comando geral das operações do SAR levantou apenas uma série de dúvidas quanto ao destino da expedição, que para uns foi massacrada e para outros está perdida entre os rios Alalau e Jaupuri, região dos atroaris e vaimiris.

A lentidão dos trabalhos está sendo atribuída pelos responsáveis a uma deficiência de material, já que apenas uma Catalina 6525 e um helicóptero SH-1D do SAR estão sendo empregados, com a ajuda do Aerocomando do DNER. Um novo helicóptero chegou hoje a Manaus para substituir o primeiro, que será reparado, enquanto o Butele continua sendo esperado para auxiliar nas operações de varredura da área.

DESTINO IMPREVISIVEL A esta altura o destino dos seis homens e duas mulheres comandados pelo padre João Calleri é uma incógnita para todos os que acompanham a missão de resgate, já que as hipóteses levanta-

tadas em cima dos poucos fatos concretos, conhecidos até agora, são inúmeras. A própria versão do mateiro Alvaro Paulo da Silva, o único sobrevivente da expedição, apesar de aceita nos setores militares é contestada pelos amigos e irmãos da Prelazia de Roraima, que não acreditam tenha o padre — experiente no trato com os índios — cometido certos erros elementares como o mateiro diz em seu depoimento.

O padre Silvano Sabatini, procurador da Ordem da Consolata, tem em seu poder um rádio passado pelo padre João Calleri informando a fuga do mateiro (sem clarificar o nome) no dia 23 de outubro, enquanto Alvaro diz que ficou com a expedição até o dia 31, quando, segundo conta, foram massacrados os primeiros missionários.

Os serantistas conhecedores dos costumes dos atroaris sustentam que toda vez que eles matam brancos os corpos ficam abandonados no local e os índios fogem das malocas. E os corpos não fo-

ram achados onde Alvaro disse tê-los visto. FALTOU APOIO Outro fato que trouxe mais confusão aos analistas foi o descobrimento de uma nova maloca não fotografada anteriormente nos diversos rios sobre a área. E de uma forma diferente das demais e está também habitada. De resto, é incontestável entre os responsáveis pela operação e os serantistas da Fundação Nacional do Índio que o padre João Calleri contou muito em sua capacidade, substituindo a reação e psicologia indígenas. Certo também que os atroaris sempre se preocuparam, em seus contatos anteriores com os brancos, em constatar se estavam ou não com superioridade numérica.

O padre da prelazia de Roraima levou apenas nove pessoas na expedição, sem qualquer apoio logístico ou mesmo uma cobertura aérea esporádica para acompanhar o seu deslocamento na selva. Todos esses fatos contribuíram para criar um clima de nervosismo entre os responsáveis pela operação de salvamento, que passam às vezes vários dias sem dormir.

Apesar dos conselhos dos amigos para desistir, ele estava decidido para ir e só ficou de fora por causa do desencanto.

Depois do contato com o mateiro, a doutrina foi apresentada ao padre Calleri, que a considerou uma mulher decidida e em condições de fazer parte da expedição. A partir daquele momento ela foi integrada efetivamente, tendo inclusive deixado o emprego para ficar à disposição do padre João Calleri. — Eu fiquei triste por não ter ido, mas agora dou graças a Deus pelo desencanto — diz Clara Monteiro dos Santos, rindo e balançando a cabeça negativamente quando lhe perguntam se aceitará se engajar em outra expedição pacificadora de índios. — Agora, nunca mais.

Clara salvou-se ao perder embarque

Manaus — A doceira Clara Monteiro dos Santos e hoje uma das mulheres mais felizes de Manaus, apesar de tristes de se lembrar a noite de hoje em uma embarcação, em bairro pobre, ganhando apenas o salário mínimo. Ela seria a terceira mulher da expedição do padre Calleri, deixando de acompanhar o padre apenas por um desencanto na hora do embarque. Muito nervosa, sempre ajuntando os cabelos, Clara — desquitada, 23 anos, com uma filha de 12 — diz com ar bastante alegre que quando foi convidada por Alvaro Paulo da Silva acabou logo o resgate, porque lhe prometeram pagar NCRs 130,00 por mês. A ÚNICA EXPERIÊNCIA Clara Monteiro dos Santos conta que conheceu o mateiro Alvaro quando tra-

balhava numa lanchonete no bairro de Educandos. Depois ela mudou de emprego e o mateiro voltou a encontrá-la em agosto, quando aceitou ir na expedição com outras duas mulheres, Marina Pinto da Silva e Maria Mercedes. — Eu fui contratada para cozinhar para os homens, pois nunca tive qualquer experiência com os índios. Os doces e quitutes preparados por Clara são muito apreciados em Manaus. Atualmente, além de trabalhar na lanchonete, ela atende a encomendas particulares que lhe tomam todo o dia. — Eu topei por espírito de aventura. Nunca tinha visto a selva de perto e acreditava que iria viver uma experiência muito interessante, já que nada me foi dito sobre o perigo dos índios.

DNER condena mudança no traçado da estrada

Manaus — O chefe do 1º Distrito Rodoviário Federal do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, engenheiro Alexandre Veríssimo Silveira, condenou qualquer tentativa de mudar o curso da BR-174, que está sendo construída para ligar Manaus a Santa Helena.

Afirmou que os atritos criados com a passagem da estrada no território dos atroaris podem ser contornados de outra forma. A rodovia, segundo o engenheiro, é fundamental para o desenvolvimento da região, e a mudança de seu traçado trará prejuízos de grande monta, pois mais de NCRs 2 milhões já foram investidos em suas obras.

DIFFICULDADES

Defende o engenheiro Altamiro Veríssimo Silveira a adoção de uma solução global e definitiva para as situações de conflito criadas com os índios atroaris e vaimiris, que habitam as bacias dos rios Alalau e Jaupuri. "que só pode ser conseguida através de sua pacificação, e posterior retirada para um local distante da estrada."

— Assim, tanto a estrada seria mantida em seu percurso original, não trazendo prejuízos para o Governo nem aumentando o seu traçado com os atroaris, como também levariam os índios, que passariam a habitar outra região, sendo respeitadas as suas tradições, usos e costumes.

— Credita o chefe do 1º Distrito Rodoviário Federal que a oportunidade agora é a melhor possível para que a pacificação dos atroaris e vaimiris seja feita planejada e conscientemente, dando continuidade ao trabalho iniciado

pelo padre João Calleri da Prelazia Consolata de Roraima.

A CONSTRUÇÃO

A rodovia internacional Manaus-Boa Vista terá dois pontos importantes de apoio, que são as cidades de Caracará, a 612 quilômetros de Manaus, e Boa Vista, capital do Território de Roraima.

A estrada está sendo aberta na selva, com grandes dificuldades, por muitos de trabalhadores contratados pelas empreiteiras. Depois de Manaus, Caracará é a primeira cidade por onde ela passará.

Na fase atual, a rodovia está com 180 quilômetros desmatados, e penetra no território dos atroaris, na região próxima ao igarapé de Santo Antônio, nas proximidades do local onde esteve o padre Calleri com sua expedição pacificadora.

A Fundação Nacional do Índio, defensora da tese de que o roteiro da estrada deve ser alterado, afirmou, através do chefe do seu 1º Distrito, capitão Alexandre de Sousa, sediado em Manaus, que a aproximação dos trabalhadores e mateiros com os indígenas está contribuindo para torná-los mais hostis, dificultando o trabalho de sua pacificação, além de ser inconstitucional a invasão do território indígena.

No momento, cerca de 300 trabalhadores estavam trabalhando no local. Os trabalhos de desmatamento foram paralisados quando deixou Manaus a expedição, a pedido do padre Calleri, que condicionou a sua ida à suspensão dos serviços. De acordo com o entendimento entre o DNER e a Funai, as obras

seriam reiniciadas tão logo a expedição retornasse.

O objetivo do missionário consolata era o de adquirir a confiança dos atroaris, integrando-os na expedição, para depois então afastar-se alguns quilômetros da área da estrada, na expectativa de levar atrás de si os indígenas, que construiriam então nesta outra área suas malocas.

O esquema de construção da BR-174 prevê que ficará a cargo do DERAM o trecho que vai de Manaus até a região do rio Alalau, que é a habitada pelos atroaris e vaimiris, ficando sob a responsabilidade do DNER a construção deste local para cima, até Santa Helena, passando por Caracará e Boa Vista.

A rodovia já tem mais de 70 quilômetros em condições de tráfego, sendo que a parte restante, até a região do Alalau, foi desmatada, estando a pista aberta na selva. O seu piso será todo de cascalho. Ao mesmo tempo, o DNER já abriu 130 quilômetros na mata, saindo de Boa Vista.

OS OBJETIVOS

Segundo o engenheiro Altamiro Veríssimo Silveira a estrada será de grande importância para o desenvolvimento da região, propiciando uma maior integração entre os seus centros principais.

— Além deste fato, toda a região, e principalmente o Território de Roraima, dependem quase que exclusivamente de um único meio de transporte, que é os rios Negro e Branco, cuja navegação torna-se muito difícil em determinadas fases do ano. A construção da rodovia apresentará uma solução para este problema.

Funai está certa que foi massacre

O PARA-SAR encontrou vários objetos que pertenciam a membros da expedição do padre João Calleri na maloca número 2 dos atroaris. Na 3ª maloca, os índios procuraram alvejar com flechas o Catalina da FAB que dava cobertura ao helicóptero do PARA-SAR. O serantista João Américo Peret achou na selva vestígios de luta entre a expedição e os índios. Todos esses fatos, segundo a Funai, levam a uma única conclusão: a expedição pacificadora do padre Calleri foi mesmo massacrada pelos atroaris. Na Fundação Nacional do Índio restam poucas dúvidas quanto ao fim da missão, enquanto se solidifica a suspeita de que o único sobrevivente até agora encontrado — o mateiro Alvaro Paulo da Silva — tem alguma culpa no massacre, possivelmente por ter feito qualquer mal anterior aos índios.

VESTIGIOS

A Funai recebeu ontem, com data da véspera, diversos rádios do chefe da 1ª Inspeção de Manaus e uma comunicação telefônica da FAB, transmitindo mensagem urgente passada pelo serantista João Américo Peret pela manhã.

Na mensagem, Peret informava que continuava seguindo pela selva o roteiro da expedição do padre Calleri, à procura de sobreviventes. Afirmava ter encontrado vestígios de luta entre a missão e os índios, mas não dava detalhes sobre o que fora achado. No final, comunicava que as buscas continuavam dentro dos planos traçados e "respeitando a pessoa dos índios." Não informava, porém, se tivera contatos com os atroaris.

Na primeira das comunicações da 1ª Inspeção, o capitão Alexandre, que a chefia, informava que "após o PARA-SAR descer na maloca n.º 2, encontrou alguns objetos tais como: chapéus de palha, 14 lâmpadas, bocais, alguns remédios molhados, giletes e um par de botas que pertencia à elemento da expedição."

Acrescenta o rádio que "na 3ª maloca, os índios apontaram flechas atirando contra o avião Catalina da FAB. O serantista Peret continua acompanhando os trabalhos."

"DENSO MISTÉRIO"

O segundo rádio recebido ontem — também com data da véspera — diz o seguinte: "Informo que a situação da expedição do padre Calleri continua em denso mistério. Hoje (ontem) partirá cedo com destino a Moura, base da expedição de resgate, uma equipe, a fim de tentar descer na segunda maloca."

Essa comunicação prossegue informando que "dia 23 apareceu em Itacatiara um componente da expedição chamado Alvaro Paulo da Silva, que havia abandonado o padre Calleri. Foi transportado a Manaus via FAB, onde prestou depoimento com várias contradições. O referido elemento encontra-se detido na FAB, acompanhando a operação de resgate por conhecer os pontos importantes percorridos pela expedição do padre Calleri. O serantista Peret continua em Moura, acompanhando a operação."

Um último rádio informava que "a operação do PARA-SAR foi reiniciada hoje (ontem), tendo helicóptero descido na 2ª maloca para fazer uma busca demorada, não tendo enviado qualquer notícia a respeito." Essa comunicação era anterior às demais, embora tenha chegado por último.

SUSPEITAS FORTES

As últimas informações chegadas à Funai fortaleceram a

tese desde o início mantida por seu presidente, Sr. José de Queiroz Campos, e pelo diretor do Departamento do Patrimônio Indígena, Sr. José Maria da Gama Malcher, em dos maiores conhecedores do índio brasileiro.

Para este especialista, o depoimento do mateiro Alvaro parece "muito suspeito e com muitas contradições para quem conhece os índios. Não entendo o Sr. Gama Malcher como o mateiro tenha procurado fazer uma viagem para escapar dos índios, depois de ter visto vários corpos de integrantes da expedição em uma maloca."

— Ninguém faz isso, pois quem conhece a Amazônia sabe muito bem que bastaria o mateiro ter aproveitado o tronco de uma das palmeiras da região para descer o rio — explica.

Além disso, não entende o Sr. Gama Malcher como o sobrevivente possa ter escapado pelo rio sem ter sido presenciado pelos índios. Estes o teriam visto — pois o mateiro disse que chegou bem perto da maloca — e o apanhariam em qualquer curva ou virada do rio com facilidade.

— Outras coisas ele não explicou — disse o diretor do Departamento do Patrimônio Indígena — como, por exemplo, o fato de ter aparecido com a pistola Baretta do padre Calleri.

Conhecendo bem os índios, o Sr. Gama Malcher tem uma explicação para o possível massacre da expedição do padre Calleri. Para ele, algum integrante da missão — possivelmente o próprio Alvaro — teria feito anteriormente qualquer mal a um atroari. Como os índios jamais esquecem uma ofensa pessoal, eles teriam se revoltado ao identificar esta pessoa na expedição.

Para o Sr. Gama Malcher, o que aconteceu pode ter sido o seguinte: os primeiros contatos com os atroaris teriam sido feitos por uma vanguarda da expedição. Essa vanguarda teria sido muito bem recebida pelos índios, como o próprio padre Calleri confirmou nas seis primeiras comunicações radiofônicas que fez à Funai.

Até esse ponto, os índios estariam dando as boas-vindas à expedição, tratando-os como

quando o restante da missão se junta a vanguarda, um dos índios teria reconhecido o seu ofensor. Isso explicaria a irritação progressiva que foi tomando conta dos atroaris comunicada pelo padre Calleri em seu sétimo e último rádio.

Nessa última comunicação, aliás, o padre Calleri informou sobre a deserção de Alvaro, o que, para os especialistas da Funai, poderia ser agora tema do como índio de sua culpa.

Outro índio de culpa do mateiro, para a Funai, foi o fato de, em seu depoimento, ele ter procurado culpar o padre Calleri pela revolta dos índios, afirmando que o missionário havia tratado com rispidez alguns atroaris.

Essas declarações de Alvaro são encaradas com bastante estranheza na Funai, pois o padre era um profundo conhecedor dos hábitos dos indígenas e não iria incorrer no erro primário de provocá-los, principalmente estando em desvantagem numérica.

Afirmou ainda o Sr. Gama Malcher que no momento em que os índios tivessem identificado no meio da missão pacificadora do padre Calleri um antigo ofensor, passariam, automaticamente, a considerá-lo da a expedição como inimiga, capaz de enganá-los ou de fazer-lhes mal novamente. E isso explicaria o massacre.

Presidente da Fundação faz viagem de inspeção

O presidente da Fundação Nacional do Índio, Sr. José de Queiroz Campos, inicia hoje uma viagem de inspeção de 15 dias a vários territórios indígenas.

A Funai chegaram ontem diversas comunicações de auxílios recebidos. Do Ministério da Saúde, serão fornecidos NCRs 39 mil para material hospitalar; do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário, NCRs 100 mil para montar uma cooperativa agropecuária na ilha de Bananal. Enquanto isso, a Embaixada da Inglaterra, em Brasília, mantém contatos para a venda de três aviões e um helicóptero à Fundação.

VOLUNTARIOS

Ainda ontem a Funai foi informada de que dois médicos da Escola Paulista de Medicina se reavaliaram permanentemente em Bananal para dar assistência aos índios carajás, enquanto cinco médicos especializados em clínica geral e pediatria do Hospital Distrital L-2 de Brasília se apresentaram como voluntários para ficarem na área dos gorótes durante uma semana, tratando dos índios que

foram atacados de sarampo e gripe.

Outro oferecimento recebido foi o de todos os formandos de Bioquímica do Hospital Distrital de Brasília, que se apresentaram como voluntários para trabalhar gratuitamente na Funai.

AJUDA

Um avião C-47 da FAB partirá hoje de Brasília para Bananal. Para duas viagens transportando duas toneladas de carga, uma turma de operários, um agrônomo e um engenheiro civil, além de instrumentos de serraria, olaria e material agrícola para reabilitar a aldeia dos carajás, que se encontra semidestruída.

VIAGEM

O presidente da Funai cumprirá o seguinte roteiro em sua viagem de inspeção: Brasília, Bananal, Campo Grande, Curitiba, Porto Velho, Manaus, Boa Vista, Manaus, Belém, Altamira, Marabá, Gurituba, Imperatriz, Barra do Corda, Niterói, Brasília, Recife, Porto Seguro, Belo Horizonte e Brasília, de onde retornará ao Rio.